
LEIA NESTA EDIÇÃO

1 – Pausa para Reflexão; 2 - O murici e suas abelhas; 3 - Melíponas: Interesse por espécies cresce e ganha caráter preservacionista; 4 - Agricultura forte depende de polinização eficiente, alertam especialistas; 5 - A hora e a vez das abelhas indígenas; 6 - Memória de Reunião - 03/09/2009 – Meliponicultura; 7 - Livro: Abelhas Nativas Sem Ferrão – Guia do Professor/Extensionista; 8 - Livro: Abelhas Nativas sem Ferrão; 9 - Melíponas: Interesse por espécies cresce e ganha caráter preservacionista; 10 - Curso Avançado de Própolis de Abelhas Nativas e Apis Melifera; 11 – Reunião Grupo Meliponicultura de Curitiba: 1/10/2009.

1 – Pausa para Reflexão

“A grandeza de uma nação pode ser julgada pelo modo como seus animais são tratados.” - Mahatma Gandhi

2 - O murici e suas abelhas

Ensaio apresenta espécies de vida solitária que polinizam árvore frutífera nativa. A maioria das espécies de abelhas é solitária, isto é, não vive em colméias e não produz mel. Estima-se que existam no mundo entre 20 mil e 30 mil espécies de abelhas, sendo que 6 mil ocorrem no Brasil e, destas, 5 mil são solitárias.

Nessas espécies, uma única fêmea constrói o 'ninho', o abastece com provisões e deposita ali os ovos. A fêmea fundadora (mãe) morre antes das crias nascerem, o que impede o contato entre as gerações, uma das características que definem a sociabilidade.

A polinização é o papel ecológico mais importante desempenhado pelas abelhas. Ao transportar o pólen de uma flor para outra, elas garantem a variabilidade genética das plantas e a formação de bons frutos. Um bom exemplo disso é a produção dos frutos do murici, uma espécie frutífera encontrada em estado nativo no cerrado, na caatinga, em florestas e em dunas e restingas.

Já cultivado em algumas áreas do país, o muricizeiro (*Byrsonima crassifolia*), da família Malpighiaceae, ocorre em forma de árvore ou arbusto. Seu fruto, o 'murici', de sabor levemente ácido e rico em vitamina C, é muito consumido nas regiões Norte e Nordeste, ao natural ou transformado em doces, sucos e sorvetes. Algumas espécies de malpighiáceas são largamente cultivadas, como a acerola (*Malpighia glabra*), originária do México e da região do Caribe, de onde foi introduzida no Brasil.

As flores do muricizeiro também são 'deliciosas'... para as abelhas que as visitam. Uma grande diversidade de abelhas é observada nas inflorescências dessa planta, mas as espécies pertencentes às tribos Centridini e Tapinotaspidini destacam-se como suas principais polinizadoras. Tais abelhas têm especializações (em seu comportamento e em estruturas morfológicas) para a visita a determinados tipos de flores, entre elas as do muricizeiro, da qual extraem pólen e óleo (este produzido em glândulas situadas nos cálices florais).

As flores do muricizeiro, vistosas e dispostas em ramos, formam lindas inflorescências. As corolas

são amarelas, quando as flores ainda são novas, mas sua coloração torna-se laranja e depois vermelha, à medida que as flores envelhecem. Essa variação na cor funciona como um sinal para as abelhas: indicam quais são as flores ‘jovens’, que ‘precisam ser visitadas’ e, com isso, polinizadas.

Márcia Rego e Patrícia Albuquerque - Laboratório de Estudos sobre Abelhas (LEA), Departamento de Biologia, Universidade Federal do Maranhão

Fonte: Fonte: <http://cienciahoje.uol.com.br/1323> - 18/08/2009

3 - Melíponas: Interesse por espécies cresce e ganha caráter preservacionista

Além de ter objetivo de preservação, assunto é alvo de estudos acadêmicos. Lajeado - Diante do crescente interesse pela criação de abelhas melíponas (sem ferrão), o escritório municipal da Emater/RS-Ascar organiza a realização do Seminário Regional de Meliponicultura para outubro. O assunto, além de ganhar o domínio da população interessada em contribuir para a preservação dessas espécies, é alvo de estudos acadêmicos. Já existem vários meliponários instalados em municípios da região. Um dos maiores de que se tem conhecimento é o de Valmir Züge, em Boqueirão do Leão.

Mas outros, de menor porte, também se destacam, como é o caso do criador e aposentado Darci Rodrigues Cassal, que reside no Bairro Hidráulica e possui um sítio em Novo Paraíso, Estrela. Com as caixas que possui em sua residência e na chácara, soma 32 colônias de três diferentes espécies: jataí, tubuna e plebeia droryana. O mel eventualmente coletado serve de alimento para a família.

Interesse - O interesse de Cassal não vai além disso, e se limita a um trabalho de preservação, já que essas abelhas são responsáveis pela sobrevivência de uma grande variedade de espécies vegetais, graças a seu trabalho de polinização.

O criador também está sempre disponível para auxiliar as pessoas que se interessam pelo assunto, dando esclarecimentos acerca do criatório. São frequentes as visitas de curiosos à propriedade. No entanto, também existem aqueles que têm interesse comercial na produção de mel para comercialização, já que o produto possui ricas propriedades medicinais.

Darci mostra todas as colmeias instaladas no sítio, algumas das quais, com um visual curioso, que permitem visualizar as particularidades de cada espécie quanto ao modo de trabalhar e organização social. O aposentado, que demonstra grande dedicação ao que faz, apenas lamenta a atitude de alguns agricultores, que utilizam agroquímico em suas lavouras e andam na contramão daqueles que estão preocupados com a preservação ambiental.

Capricho - “É preciso ter capricho quando se cuida de algo assim. As pessoas que se envolvem com a atividade devem ter consciência de que isso significa ter tempo e necessidade de investir um pouco”, alerta Darci. O agrônomo do escritório municipal da Emater/RS-Ascar Ademar Botelho Menna lembra a importância do trabalho e do empenho de Cassal. Em seguida justifica: essas abelhas são responsáveis por grande parte da reprodução de espécies de árvores e de cultivos em lavouras que geram parte dos alimentos consumidos.

Fonte: Jornal O Informativo do Vale - Lajeado - RS - GERAL - 16/09/2009 - <http://miti.com.br/ce2///?a=noticia&nv=iPpoKazJRhsNY34mpVdiPg>

4 - Agricultura forte depende de polinização eficiente, alertam especialistas

Polinização e agricultura foram os assuntos do painel realizado, terça-feira (01/09), na Casa da Fepagro, no Parque Assis Brasil, em Esteio.

O tema faz parte do trabalho de realizado pelas pesquisadoras Sídia Witter, da Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária, e Betina Blochtein e Anelise Souza, da Pontifícia Universidade Católica do RS.

A polinização realizada por animais contribui com a reprodução sexual de mais de 90% das plantas com flores e é muito necessária na agricultura. Dentre as espécies de polinizadores, as abelhas estão entre as mais importantes e podem ser manejadas para essa finalidade. De acordo com as pesquisadoras, aproximadamente 30% do alimento humano é proveniente de plantas polinizadas por abelhas.

Estudos em 16 culturas, em cinco continentes, comprovam que diversidade e a abundância de espécies de polinizadores diminuem exponencialmente à medida que aumenta a distância do ambiente natural. A redução dos polinizadores é oriunda do desmatamento, do uso excessivo de pesticidas e da destruição predatória de seus ninhos. O déficit de polinização em vários agroecossistemas resulta em perdas de produtividade e de qualidade de produtos agrícolas.

A pesquisa recomenda o uso de manejos agrícolas adequados e a criação de polinizadores em larga escala. Algumas das culturas beneficiadas com a polinização por insetos são canola, maçã, soja, café, cítricos, maracujá, morango, melão, melancia, abóbora, pimentão, tomate, cebola, cenoura, acerola e alfafa.

As especialistas falaram, ainda, sobre abelhas sem ferrão. Nativas do continente americano, elas já eram conhecidas dos índios e usadas para produção de mel, além de desempenhar um papel importante na manutenção do equilíbrio dos ecossistemas. Esse assunto pode ser conferido no Boletim Técnico Abelhas sem Ferrão do Rio Grande do Sul, elaborado pela Fepagro.

O livro apresenta as espécies nativas mais comuns do território gaúcho, entre elas, a mirim droriana e a guiruçu, mais comuns em localidades da serra; a jataí da terra, comum no Litoral Norte; a borá, da região de Santa Rosa; e a mirim de chão ou bieira, em parte das áreas da Campanha e do Litoral Sul.

Durante a tarde, especialistas falaram sobre estiagem no Rio Grande do Sul. O assunto foi debatido pelos especialistas Bernadete Radin, diretora do Centro de Meteorologia Aplicada da Fepagro, Ataídes Jacobsen, da Emater/RS-Ascar e Ivan Rodrigues de Almeida, da Embrapa Clima Temperado.

A pesquisadora disse que nos próximos três meses haverá muita chuva no Estado. A tendência de aumento da precipitação estará mais concentrada ao norte, já na metade sul ainda aponta padrões próximos do normal. Estamos no período do El Niño (tendência de aumento no volume de chuvas). Isso não significa que a quantidade será suficiente para atender a necessidade hídrica das culturas de verão como o milho, a soja e o feijão, explica Bernadete. “Essas culturas são as mais afetadas pelas estiagens”, conclui.

Gislaine Freitas - Assessoria de Comunicação Social Fepagro - www.fepagro.rs.gov.br - 02/09/2009

5 - A hora e a vez das abelhas indígenas

Sem ferrão e com um mel de propriedades medicinais, as espécies brasileiras conquistam criadores. Uma mudança na legislação brasileira pode, a um tempo, ampliar significativamente a escala de produção do mel de abelhas nativas e favorecer a conservação de espécies ameaçadas pela competição com a abelha europeia africanizada. A nova regra foi sugerida e defendida pelo ambientalista e professor titular de Ecologia do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, Paulo Nogueira-Neto, uma das maiores autoridades do país nos estudos da vida e criação das abelhas indígenas sem ferrão.

Desde agosto de 2004, essas abelhas podem ser comercializadas em território brasileiro entre criadores registrados no Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama). A restrição anterior a esta comercialização, baseada na proibição de venda de fauna brasileira, dificultava a criação comercial, conferindo grande vantagem à *Apis mellifera*, a espécie trazida da Europa em 1839 pelo Padre Antônio Carneiro, que se espalhou pelos ecossistemas brasileiros e passou a competir com as abelhas indígenas.

"Ainda falta regulamentar o registro do mel para que o produto passe a estar sujeito à inspeção federal e deixe de ser considerado apenas artesanal, ganhando escala, o primeiro passo na direção das exportações", observa Nogueira-Neto.

O especialista lembra que o mel de abelhas indígenas obtém um preço de mercado bem mais elevado do que o comum, podendo chegar a R\$120,00 o quilo, caso do mel de urucu-do-nordeste (*Melipona escutellaris*). Ele acredita numa boa penetração no mercado europeu e até propõe a adoção do nome iramel ou uiramel para designar a origem indígena.

Já existem produções comerciais com alguma escala nas regiões Norte e Nordeste. Em Boa Vista do Ramos, município próximo de Manaus, no estado do Amazonas, um produtor espera colher este ano algo em torno de 3 toneladas de mel das abelhas jupará preta (*Melipona compressipes*) e jupará amarela (*M. seminigra*). E, em Pernambuco, outro produtor mantém pelo menos 500 colméias urucu-do-nordeste.

É verdade que a produtividade das abelhas indígenas é bem menor do que a das abelhas europeias. Elas têm outra maneira de construir as células para suas crias e não produzem favos, mas depositam o mel em pequenos potes, feitos de cera, que dão mais trabalho para colher.

Em compensação, seu mel tem concentrações superiores de uma substância chamada inibina, produzida pela enzima glucose-oxidase, que tem propriedades antibióticas. Pode ser considerado medicinal, portanto, uma qualidade popularmente conhecida há muito tempo - os indígenas brasileiros já usavam o mel como remédio antes da chegada dos europeus (e das abelhas europeias) - mas que precisou de alguns testes de laboratório para ser cientificamente reconhecida.

Os testes foram feitos com bacilos patogênicos, isto é, causadores de doenças. Entre eles, o *Bacillus anthracis*, o mesmo antraz dos ataques terroristas nos Estados Unidos, cujos esporos foram eliminados pelo mel num prazo de 24 horas. E o mel das abelhas indígenas provou uma eficiência maior do que o mel comum na ação contra as bactérias *Escherichia coli*, *Salmonella* spp, *Pseudomonas aeruginosa* e *Streptococcus*, conforme relata Nogueira-Neto, devido ao seu pH mais baixo (mais ácido) do que o do mel comum.

O mel indígena tem outras propriedades medicinais, divulgadas popularmente, mas ainda sem comprovação, caso do uso como colírio ou cicatrizante de feridas e queimaduras. É preciso

alertar os eventuais usuários sobre os hábitos anti-higiênicos de algumas espécies de abelhas indígenas, cujo mel pode conter alto índice de coliformes fecais. É o caso da mandaçaia (*Melipona quadrifasciata*) e da irapuá ou arapuá (*Trigona spinipes*).

Elas usam fezes de animais para calafetar as frestas de seus ninhos ou para marcar o território, na entrada das colméias. "A melhor garantia de que o mel não está contaminado é sua procedência e a forma como é tratado, por isso é preciso regulamentar a comercialização e estabelecer padrões de colheita, pasteurização e acondicionamento", acrescenta Nogueira-Neto. "Enquanto não há regulamentação, entre as abelhas indígenas, recomendo sempre o mel de jataí (*Tetragonisca angustula*), que é a espécie mais higiênica". Mesmo assim, o mel deve ser pasteurizado. Mais líquido e menos doce (mais ácido) do que o mel comum, o produto das abelhas indígenas pode fermentar com alguma facilidade. Enquanto o mel comum tem de 16 a 20% de água, o mel indígena tem mais de 30%.

A pasteurização pode ser feita artesanalmente, em banho maria, tomando-se certos cuidados, sobretudo o de verificar a temperatura com um termômetro de laticínio (72°C durante 15 segundos), mexer sempre para distribuir o calor de maneira uniforme e não deixar o mel ferver, porque as altas temperaturas eliminam a enzima produtora de inibina, o antibiótico natural. As vantagens da criação e conservação das abelhas indígenas não se restringem ao mel.

Nativas e bem adaptadas aos ecossistemas brasileiros, elas têm um papel importantíssimo na polinização das plantas. Existem espécies de orquídeas e bromélias polinizadas exclusivamente por abelhas da tribo euglossini, que geralmente apresentam cores metálicas, tendendo para o verde ou roxo.

Há também flores grandes e de formato diferenciado - como o maracujá (*Passiflora edulis*) - que chegam a ser visitadas pelas abelhas européias, mas não são polinizadas, porque estas não alcançam a parte feminina da flor como as mamangavas (tribo bombini), as polinizadoras naturais, bem maiores do que a *Apis mellifera*.

"O problema é que as abelhas européias são muito ativas nas primeiras horas do dia e visitam rapidamente as flores disponíveis, enquanto as abelhas indígenas tendem a distribuir a coleta de néctar e pólen ao longo do dia", explica Ivan Sazima, da Zoologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

"Num local onde existam os dois tipos de abelhas, as indígenas tendem a chegar atrasadas às flores, visitando-as quando já não há pólen disponível e, portanto, deixando de cumprir a função polinizadora, que as européias também não cumprem porque não são do tamanho certo". As abelhas européias já são eficientes na polinização de algumas plantas de borda, como são chamadas as espécies que crescem nas zonas de mata mais aberta, no limite com culturas ou áreas alteradas pelo homem.

O exemplo mais evidente é o das jitiranas, trepadeiras que se sobrepõem à copa de outras árvores, atrapalhando sua fotossíntese. Assim, o fato de existirem abelhas européias africanizadas, numa região de florestas fragmentadas, acaba por interferir na dinâmica natural da flora. E florestas fragmentadas não faltam em toda a região de domínio da Mata Atlântica, justamente onde também estão as abelhas invasoras.

Para Paulo Nogueira-Neto, depois de um período de retração, por excesso de competição com as abelhas européias, a população das espécies indígenas está voltando a crescer, ocupando áreas mais

internas dos fragmentos florestais, onde o excesso de sombra limita a *Apis mellifera*. "O fato de as abelhas indígenas produzirem bem em área de floresta abre a possibilidade de se ter uma atividade econômica em muitas regiões do país, mantendo a mata em pé, sem derrubadas", diz.

Os enxames naturais ainda podem ser favorecidos com a disponibilização de locais para construção das colméias, como as caixas artificiais especialmente desenhadas para estas abelhas por Nogueira-Neto, menores do que as de abelhas européias e quadradas.

Os ocos de árvores velhas, anteriormente usados por estas espécies, hoje são mais raros, seja porque foram retirados para uso como lenha ou porque tendem a cair com o vento, quando a floresta é fragmentada. "E não podemos esquecer a maior vantagem das abelhas indígenas, que é o fato de não terem ferrão", conclui Nogueira-Neto. "Elas podem ser criadas muito perto de casa, sem oferecer risco aos homens ou aos animais domésticos".

As indígenas e suas tribos A classificação das abelhas é um pouco diversa da dos animais vertebrados e inclui a divisão em subfamílias e tribos. A família Apidae divide-se em: metálicas, verdes ou arroxeadas. Apíneos - No Brasil representada apenas pela *Apis mellifera*, a abelha européia ou africanizada, introduzida no país em 1839 pelo Padre Antonio Carneiro.

Ele trouxe 100 colônias do Porto, em Portugal, das quais apenas 7 teriam sobrevivido à travessia do oceano Meliponíneos - Abelhas indígenas sem ferrão que produzem mel Bombíneos - Mamangavas grandes, peludas, às vezes totalmente pretas, às vezes pretas e amarelas. Polinizam o maracujá (*Passiflora edulis*) Euglossíneos - Também chamadas abelhas das orquídeas. Polinizam orquídeas e bromélias e, em geral, são de cores metálicas, verdes ou arroxeadas.

A diferença entre vespas e abelhas Para quem não é muito familiarizado com o mundo dos insetos pode parecer difícil distinguir vespas, abelhas, marimbondos e outros tantos nomes com que são chamados esses invertebrados de asas transparentes e corpo semelhante ao das formigas. De fato, todas pertencem à Ordem Hymenoptera - que também inclui as formigas - e as diferenças entre algumas espécies podem ser muito sutis, coisa para especialistas.

Mas, pelo comportamento ou tipo de moradia, é possível pelo menos separar abelhas e vespas. Só as abelhas produzem mel e fazem células de cera, seja para abrigar as crias e/ou para estocar alimento. Essas construções das abelhas normalmente são internas, feitas em ocos de árvores, fendas de rochas ou caixas artificiais. As casas de vespas, ao contrário, são externas, de um material semelhante ao papelão, constituído de fibras vegetais e saliva.

Os formatos variam muito, das bem desenhadas casas de cabas - uma das vespas mais temidas da Amazônia, de picada muito dolorida - a pequenas células penduradas nos telhados, dos marimbondos comuns. Marimbondos, aliás, são vespas crescidas, só uma variação no modo de chamar insetos da mesma categoria.

As abelhas são herbívoras, só comem vegetais e preferem pólen e néctar colhido nas flores, razão pela qual são polinizadoras por excelência. As vespas são carnívoras, embora eventualmente também se alimentem de frutos, de seiva ou cheguem a visitar algumas flores. As abelhas enxameiam, as vespas, não.

A maioria das abelhas tem o corpo sólido, em alguns casos peludo, enquanto as vespas são mais delgadas, de cintura fina e bem marcada. A posição das asas também é diferente: as abelhas estão sempre com as asas em pé, mas as vespas sabem dobrá-las longitudinalmente, parecendo mais

assentadas. Finalmente, para quem for perseguido por espécies com ferrão, é melhor que sejam abelhas, que picam uma única vez e perdem o ferrão na picada, pois as vespas podem picar diversas vezes.

Fonte: EPTV - SP - BRASIL/MUNDO - 22/09/2009 - <http://miti.com.br/ce2//?a=noticia&nv=9p4E0VijdMQNY34mpVdiPg>

6 - Memória de Reunião realizada em 03/09/2009

Nesta reunião do “Grupo Meliponicultura de Curitiba e Região”, realizada dia 03/09, coordenada por Marcos Dallacosta, participaram Ederson, Hermes Palumbo, Roberto, Marcos e Aldivar. Tratou-se sobre o III Seminário Paranaense de Meliponicultura, a realizar-se dia 27 de novembro de 2009, no Recanto dos Lagos, em Mandirituba. As palestras ficaram assim definidas:

1 - Aspectos ecológicos e econômicos da meliponicultura, palestrante Betina - PUC - RS; 2 - O mel das ASF e a saúde, palestrante Dr. Gamarra - Curitiba - PR; 3 - As abelhas Nativas e a polinização, palestrante Vera Lúcia Imperatriz Fonseca - SP; 4 - Abelhas sem Ferrão que ocorrem no Sul do Brasil, palestrante Sídia - PUC - RS.

Observa-se que os títulos das palestras não são os definitivos e que a ordem das palestras, também não está definida. Nova reunião será realizada dentro de 30 dias. Na ocasião foi distribuído aos participantes, um exemplar da publicação "Plano de Conservação para Abelhas Sociais Nativas sem Ferrão no Estado do Paraná" (SEMA/IAP/ParanaBiodiversidade/SISFAUNA).

7 - Livro: Abelhas Nativas Sem Ferrão – Guia do Professor/Extensionista

Estimados amigos!

Para o seu conhecimento, divulgamos informação sobre a seguinte publicação que pode ser de seu interesse:

Livro: Abelhas Nativas Sem Ferrão – Guia do Professor/Extensionista - São Leopoldo: OIKOS, 2008. 128p. : , color,; 15,5 x 22 cm. ISBN 978-85-7843-056-6.

O livro, que visa servir de apoio/auxílio para educadores/as e extensionistas que trabalham junto às comunidades tradicionais, é o resultado do trabalho teórico-prático de duas escolas da Terra Indígena Guarita, Rio Grande do Sul, Brasil – envolvendo direção, professores, alunos e comunidade -, junto à parceria do Conselho de Missão entre Índios (COMIN), o Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA – Erexim) e o órgão de Extensão Rural local (EMATER) do município de Tenente Portela.

O material compreende o registro de atividades sugeridas e aplicadas pelos professores de escolas indígenas e inclui uma revisão bibliográfica sobre o assunto. Foi elaborado com o intuito de fundamentar teoricamente o tema em prol de uma educação diferenciada através de experiências de vivência prática dos alunos e professores em questões sobre o meio ambiente e cultura indígena, junto à comunidade, e numa perspectiva de contribuição para alternativas mais sustentáveis e adequadas para as etnias.

Sumário: 1. História das Abelhas, 2. Vida de inseto, 3. Em parceria com o ambiente, 4. Diversidade e diferenças, 5. Valor sociocultural, 6. Valor espiritual, 7 Valor alimentar e medicinal, 8. Alerta!

Perigo de extinção, 9. Aplicação prática e interdisciplinar.

Dentre as várias expectativas se espera que, com a disponibilização de informação para os professores/educadores sobre este tema, consigam abordar mais adequadamente e com um maior conhecimento, tanto em sala de aula como na aplicação de práticas de campo, esta alternativa de interesse e benefício produtivo, ambiental e étnico-cultural.

Disponível em: <http://www.comin.org.br/news/publicacoes/1229104261.pdf> - www.comin.org.br

8 - Livro: Abelhas Nativas sem Ferrão

Vejam o livro “Abelhas Nativas sem Ferrão”, de José Manuel P. Palazuelos Ballivián. O acesso poderá ser no site: <http://www.comin.org.br/publicacao.php?id=3>

Quem somos (COMIN)

O Conselho de Missão entre Índios (Comin) é um órgão da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Foi criado em 1982, com a finalidade de assessorar e coordenar o trabalho da IECLB com os povos indígenas em todo Brasil.

Para atender este objetivo, o Comin se faz presente junto a alguns povos e comunidades indígenas, criando parcerias e dando apoio nas áreas da educação, saúde, terra, organização e auto-sustentação. O Comin tem como princípio e compromisso apoiar as prioridades colocadas pelos povos e comunidades indígenas, respeitando seu jeito de ser e sua cultura, trabalhando com eles e não por eles. Os trabalhos do Comin são realizados por um grupo de profissionais nas áreas de pedagogia, teologia, pastoral, direito, enfermagem e medicina, assistência social, agronomia e outras, em sete Campos de Trabalho.

9 - Melíponas: Interesse por espécies cresce e ganha caráter preservacionista

Lajeado - Além de ter objetivo de preservação, assunto é alvo de estudos acadêmicos. Diante do crescente interesse pela criação de abelhas melíponas (sem ferrão), o escritório municipal da Emater/RS-Ascar organiza a realização do Seminário Regional de Meliponicultura para outubro.

O assunto, além de ganhar o domínio da população interessada em contribuir para a preservação dessas espécies, é alvo de estudos acadêmicos. Já existem vários meliponários instalados em municípios da região. Um dos maiores de que se tem conhecimento é o de Valmir Züge, em Boqueirão do Leão.

Mas outros, de menor porte, também se destacam, como é o caso do criador e aposentado Darci Rodrigues Cassal, que reside no Bairro Hidráulica e possui um sítio em Novo Paraíso, Estrela. Com as caixas que possui em sua residência e na chácara, soma 32 colônias de três diferentes espécies: jataí, tubuna e plebeia droryana. O mel eventualmente coletado serve de alimento para a família.

Interesse - O interesse de Cassal não vai além disso, e se limita a um trabalho de preservação, já que essas abelhas são responsáveis pela sobrevivência de uma grande variedade de espécies vegetais, graças a seu trabalho de polinização.

O criador também está sempre disponível para auxiliar as pessoas que se interessam pelo assunto, dando esclarecimentos acerca do criatório. São frequentes as visitas de curiosos à propriedade. No

entanto, também existem aqueles que têm interesse comercial na produção de mel para comercialização, já que o produto possui ricas propriedades medicinais.

Darci mostra todas as colmeias instaladas no sítio, algumas das quais, com um visual curioso, que permitem visualizar as particularidades de cada espécie quanto ao modo de trabalhar e organização social. O aposentado, que demonstra grande dedicação ao que faz, apenas lamenta a atitude de alguns agricultores, que utilizam agrotóxico em suas lavouras e andam na contramão daqueles que estão preocupados com a preservação ambiental.

Capricho - “É preciso ter capricho quando se cuida de algo assim. As pessoas que se envolvem com a atividade devem ter consciência de que isso significa ter tempo e necessidade de investir um pouco”, alerta Darci. O agrônomo do escritório municipal da Emater/RS-Ascar Ademar Botelho Menna lembra a importância do trabalho e do empenho de Cassal. Em seguida justifica: essas abelhas são responsáveis por grande parte da reprodução de espécies de árvores e de cultivos em lavouras que geram parte dos alimentos consumidos.

Fonte: Jornal O Informativo do Vale - Lageado - RS - GERAL - 16/09/2009 - <http://miti.com.br/ce2//?a=noticia&nv=iPpoKazJRhsNY34mpVdiPg>

10 - Curso Avançado de Própolis de Abelhas Nativas e Apis Melifera.

Atenção, eis um Curso Avançado de Própolis de Abelhas Nativas e Apis Melifera, que será ministrado pelo Professor Harold Brand e Sebastião Gonçalves, no período de 19 à 23 de outubro.

O custo é de R\$ 500,00, onde os alunos receberão certificado e apostilas. O curso será realizado nos seguintes locais: Colégio Curitibano, Meliponário Piraquara e Apiário Bocaiúva do Sul.

Informações e inscrições: Secretaria da APA (0**41-3256.0504) e Colégio Curitibano (0**41.3333.3426 - Prof. Brand) - professor@abelhasnativas.com.br ou gonzaganativas@bol.com.br - site: www.abelhasnativas.com.br

11 – Reunião Grupo Meliponicultura de Curitiba: 1/10/2009

Dia 01/10/2009 (Quinta-Feira), acontece mais uma reunião mensal do Grupo Meliponicultura de Curitiba e Região Metropolitana. Será na SEAB (rua dos funcionários, 1559 – bairro: Cabral - sala de reuniões) - Hora: 14:30 às 16 horas.

Pauta: a) - III Seminário Paranaense de Meliponicultura (27 de novembro, em Mandirituba): palestras, palestrantes, divulgação, infraestrutura; b) - informes, c) - assuntos gerais.

Mais informações com Roberto de A Silva – andrades@seab.pr.gov.br – 41-3313.4132 -SEAB/DERAL

Convidem seus colegas ! Ajudem a divulgar e participem !

<p style="text-align: center;">SEAB DERAL – DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL Editor Responsável: Roberto de Andrade Silva - andrades@pr.gov.br - fone: 0xx41-3313.4132 – fax: 3313.4031 - deral@seab.pr.gov.br - www.seab.pr.gov.br</p>
